
III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia
Recife, 8 a 10 de setembro 2016
"Devoções religiosas e pluralismo cultural"
Anais

DO BATIDO DA ZABUMBA, À CAVALHADA E O SOPRO DOS PÍFANOS: DEVOÇÃO RELIGIOSA E CULTURAL EM ALAGOAS-AL*

Ana Cristina de Lima Moreira**

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar a historicidade relacionada à devoção nas festas dos santos padroeiros através da banda de pífanos/ zabumbeiros e cavalhadas no interior do Estado de Alagoas. Há muitas controvérsias quanto a origem das bandas de pífanos e zabumbeiros ligadas à devoção aos santos padroeiros principalmente na zona rural do Nordeste brasileiro desde o Brasil Colônia. Os santos padroeiros ainda exercem uma função diferenciada para seus devotos, pois varia desde consultor, casamenteiro, protetor dentre outras. Para homenageá-los a banda de pífano acompanhada dos zabumbeiros realizam um ritual carregado de significações. As festas são organizadas em tríduos com novenário, missa, procissão e cavalhada que também contribuem para o legado cultural brasileiro. No propósito de atender os objetivos propostos optou-se por uma pesquisa qualitativa, tendo como objetos de estudo a banda de pífano/zabumbeiros, a cavalhada e algumas festas de santos no interior do município de Palmeira dos Índios-AL, bem como algumas entrevistas, leituras textuais e a utilização iconográfica.

Palavras-chave: Banda de Pífano. Santo Padroeiro. Cavalhada.

Introdução

Nas últimas décadas a religiosidade popular está sendo evidenciada através pesquisas divulgadas em Congressos nas temáticas que envolvem devoções, tradições religiosas. Trata-se de uma discussão ampla e plural, em virtude da abrangência da referida temática, que pode ser discutida nas linhas antropológica, sociológica ou teológica dentre outras. Neste século, esses interesses têm provocado a necessidade de intensificar os estudos em linhas gerais.

O desenvolvimento econômico, o grau de escolaridade das pessoas, o uso desenfreado da tecnologia e outros fatores podem ter contribuído

---

* Trabalho apresentado no III Congresso Nordestino de Ciências da Religião, realizado entre os dias 08 e 10 de Setembro de 2016 na UNICAP-PE." GT 2 - Devoções religiosas e cultura brasileira.

** Doutoranda em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco-**UNICAP,** Professora da Universidade Estadual de Alagoas-**UNEAL** e Coordenadora do Centro Educacional Cristo Redentor /Congregação das Filhas do Amor Divino.

para a redução de algumas manifestações religiosas, principalmente da zona urbana, porém, não foram suficientes para extinguir a religiosidade popular nas regiões do Brasil principalmente na zona rural. Nesse contexto ressalta-se que para os estudiosos não importa se o assunto em pauta é de comunidade rica, pobre, excluída ou marginalizada, pois, o que está em evidência são as práticas populares que o povo atua como protagonista.

Apesar de o censo (2010) apontar para uma redução de católicos no Brasil, ainda é muito grande o número de adeptos incluindo as pessoas estatísticos quanto ao número de pessoas que seguem a religiosidade popular aqueles que apenas por tradição da família ou por falta de opção se dizem católicos. Para essa denominação "popular" há restrições, pelo fato de parecer uma suposta divisão do catolicismo. Não se trata de duas religiões, e, sim de uma clientela que tem uma forma de ser católico seguindo suas tradições, através das imagens dos santos padroeiros, leilões, novenas, procissões, banda de pífano, zabumbeiros e cavalhadas. Onde em um só espaço sagrado e profano estão juntos e livres de preconceitos de seus seguidores.

Segundo Hoornaert (1991), o termo catolicismo popular não é o mais apropriado, em virtude de que cientificamente os índios e negros não eram qualificados como "povo" e sim, como "gentios da terra" dentre outros termos, daí seria mais adequado o termo "catolicismo gentilício" visto que, só era "povo" os portugueses e seus descendentes. Porém, atualmente o termo "popular" é expressado quando o assunto está ligado ao povo, cultura popular, povo de Deus, música popular e consequentemente catolicismo popular. Diante do exposto vê-se nessa ótica que não existe divisão do catolicismo, apenas uma visão diferenciada entre o popular e o patriarcal.

Há uma complexidade muito grande quando se trata da religiosidade popular, pois, em meio a fé ao santo protetor acontecem as manifestações do povo arraigadas de ritos, cultura e devoções. Essas que não podem ser negadas, pois, para cada uma delas existe uma explicação. O povo pode explicitar sua religiosidade de forma madura, consistente e verdadeira ou

de forma incoerente quando apresenta mais superstição que devoção. Para tanto, se faz necessária a participação da Igreja para que seja conduzido de forma coerente respeitando a devoção e a cultura de cada povo, principalmente em relação a simbologia e aos ritos.

Nas festas de padroeiro são comuns devoções e as diversidades em virtude de estarem atreladas à cultura de cada povo e a vivência do homem. Sobre as festas, vê-se que algumas manifestações podem ser destacadas dentre elas estão: acender velas para acompanhar a procissão, andar de pés descalços, carregar o andor, usar um determinado tipo de roupa no dia da missa que geralmente é preta ou branca. Essas manifestações podem fazer parte do pagamento das promessas em agradecimento aos benefícios recebidos do padroeiro. Porém, mesmo sem pagamento de promessas sempre comparem a igreja para rezar a novena, realizar um tríduo com a participação dos noiteiros, ou seja, pessoas ligadas à igreja que se responsabilizam por cada dia do tríduo para cantar, tocar ou organizar a festa. Ainda não podem faltar as bandas de pífano também ou de zabumbeiros. Nesse contexto, aparecem as cavalhadas que geralmente acontecem no domingo, último dia de festa do padroeiro, que através dos seus ritos louvam e agradecem as bênçãos alcançadas.

As Bandas de Pífano nas Festas de Santo (a)

As bandas de pífano ou pife como comumente são conhecidas, é uma tradição no Brasil e principalmente no interior do nordeste brasileiro, porém quanto a sua origem há controvérsias, visto que na região citada estão ligadas às tradições religiosas, quando nas festas dos santos anunciam aos devotos que estão chegando para angariar fundos ou donativos, iniciar a procissão e a cavalhada.

Em Alagoas, há registros de que as bandas de pífanos (esquenta mulher) foram estudadas pela primeira vez sob o viés da etnomusicologia, tendo como objeto de estudo as bandas de Marechal Deodoro, em 1998,

através de uma dissertação de Mestrado de Regina Cajazeira defendida na Universidade Federal da Bahia. Através da pesquisa foi percebido que em Marechal Deodoro (1ª capital de Alagoas) algumas mudanças estavam ficando claras em duas bandas uma tradicional e a outra moderna. É interessante que a preocupação do papel da música é em torno do (para quê e por quê).

O maestro e compositor Guerra Peixe (1970, p. 16 apud CAJAZEIRA, 2007, p. 10)" registrou músicas de banda de pífano em novenas, procissões, batizados ,casamentos, carnavais, festas cívicas e retretas em praça pública por toda região Nordeste". O alagoano José Maria Tenório Rocha (1988, p.35 apud CAJAZEIRA, 2007, p. 10) aponta que em Alagoas além do que já foi citado "o uso dessas bandas em folguedos populares como as Cavalhadas, Quilombos, Bandos e Caboclinho".

O estado de Alagoas proporcionalmente falando tem uma banda de pífano por cidade. As mais conhecidas e, em plena atividade estão nos municípios de Olivença, Pão de Açúcar, Arapiraca, Palmeira dos Índios, Santana do Mundaú, Jequiá da Praia, Marechal Deodoro, Penedo, Boca da Mata, Maceió, Carneiros, Igaci, Estrela de Alagoas, Anadia, Quebrangulo dentre outras.

A origem da banda de pífano ou orquestra de zabumba tem suas raízes na Europa, mas, devido as variações deixam dúvidas e às vezes contradições entre os pesquisadores. É fato que essas bandas acompanhavam as procissões em Portugal e Espanha, também em outros eventos da Igreja Católica. Porém, a variação está no ritmo e na quantidade dos instrumentos usados no Brasil. Esse dado pode ser justificado em virtude de que, as pessoas de cada região começaram a fabricar seu instrumento de acordo com sua cultura preservando a identidade cultural e religiosa.

A Zabumba é um instrumento de percussão que era utilizado pelos escravos desde que chegaram ao Brasil para louvar seus orixás e emitir o som dos seus lamentos. Com a obrigatoriedade de seguirem o catolicismo,

adotaram o sincretismo religioso e passaram a usar a zabumba ou bombo para acompanhar as procissões dos santos (a) trazidos pelos portugueses. Para a fabricação da zabumba era utilizado troncos de árvores e pele de animais de forma bastante rudimentar.

Porém, com o passar do tempo foi sendo aperfeiçoada até ser industrializada. Atualmente é encontrada em lojas e utilizada para outros fins além do religioso. É comum o uso da zabumba nas bandas de forró em todo Brasil, principalmente no Nordeste e nas festas juninas que junto à sanfona e o triângulo é responsável pelo xaxado, xote e baião típico do forró pé de serra. Nas festas de santo o zabumbeiro toca com uma maçaneta que segundo (GASPAR, 2004) emite um som grave e abafado za...bumba, enquanto nos forrós urbanos acrescenta-se uma baqueta na mão esquerda. Há variação de som segundo o diâmetro do instrumento que:

> É confeccionado com pranchas de madeiras colocadas com veios alternados ou metal, em formato de caixas cilíndricas, a zabumba é, na verdade, um tambor duplo achatado. A parte superior é tocada com a maçaneta, também conhecida como baqueta ou marreta e a inferior com uma vareta chamada de resposta ou bacalhau. As membranas ou as peles podem ser confeccionadas com couro ou nylon (GASPAR,2004).

A zabumba é também chamada de bombo, sendo um instrumento indispensável nas bandas de pífanos, pois, o seu som abafado e forte é ouvido pelas pessoas que estão aguardando, mesmo em locais da zona rural onde as casas são afastadas uma das outras. É o som da zabumba que anuncia que o santo (a) está se aproximando.

A banda de zabumba e pífano é popularmente conhecida no Estado de Alagoas como "esquenta mulher", mas apresenta em outros estados denominações variadas dentre elas: Banda de Pife, Música de Pife, Zabumba, Cabaçal, Banda de Negro, Terno, Banda de Couro em Goiás, Musga do Mato e Pipiruí em Minas Gerais (GASPAR, 2003). Em Alagoas é comum a banda ser composta por pratos, tarol, zabumba e pífano, porém, a quantidade de instrumentos pode variar de lugar para outro.

O culto aos santos acontece desde o início do catolicismo, portanto é notório que eles sempre tiveram seu lugar de destaque. O Brasil apresenta suas peculiaridades sobre esse assunto, em virtude de ser um país de grandes dimensões territoriais, cuja História está embasada na História do Catolicismo, nas sociedades étnicos culturais e no legado religioso trazido pelos portugueses e intensificados pelos jesuítas. As bandas de percussão tiveram início com os primeiros cristãos como forma de saudação à Nossa Senhora comumente na época natalina.

Essa devoção aos santos é histórica, segundo Hoornaert et al (2008) o Brasil apresenta um grande número de capelas, igrejas, oratórios domésticos que representam sua simbologia. É nesse contexto que se faz referência as imagens dos santos, pois mesmo no século XX, os oratórios domésticos ainda eram expostos nas salas e representavam uma miniatura de igreja, cada família que tinha um oratório e geralmente recebia as pessoas para as orações, terços, novenas e principalmente por ocasião da festa daquele santo (a).

Há registros de que para possuir um oratório não dependia da situação econômica da família. O que fazia a diferença era o estilo dos oratórios, que para as famílias de posse eram de madeira de lei, ornamentados com enfeites de ouro ou prata, jarrinhos de porcelana, pano de linho com renda dentre outros. As famílias de menor poder aquisitivo tinham oratório com flores de tecido ou papel, jarrinhos comuns e usavam madeira de pouca qualidade. Quanto aos santos poderiam ser os mesmos, mas a qualidade do material das imagens também fazia a diferença. Uns eram bem simples de madeira ou mesmo um quadro e outros de madeira com pedras preciosas e ouro. O mundo contemporâneo vivencia situações que retrata alguns momentos vividos no Brasil desde o século XVI quando os portugueses trouxeram seus santos.

Há alguns oratórios no museu Xucuru de Palmeira dos Índios, em Alagoas onde podem ser encontrados oratórios grandes pequenos, simples e luxuosos que além do crucifixo apresentam outros santos e os mais

recentes com imagem de Padre Cícero. De um modo geral há uma predominância de imagens de Nossa Senhora. Neste século as famílias mais devotas principalmente da zona rural ainda mantêm a tradição de cultuar as imagens em oratórios, mesinhas no canto da sala e muitos quadros na parede, enfeitados de fitas coloridas e flores. Segundo Azzi (2008, p. 47) no Brasil Colônia," Cada família tinha os seus santos protetores, cultuados através de imagens colocadas, em geral, em pequenos nichos, designados como oratórios, pendurados nas paredes da sala."

Na zona rural a maioria das imagens deram origem as igrejas com santos padroeiros a exemplo de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro na serra da Mandioca, em Palmeira dos Índios-AL, que no período de 1907 a década de 50 do século XX, realizavam as novenas nas casas onde havia um oratório com um quadro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, colocavam um mastro na porta com uma bandeira branca para identificar, enfeitavam ao redor da casa bandeirinhas e assim anunciavam que estavam em festa.

Para acomodar as pessoas, o dono da casa providenciava bancos longos de madeira que geralmente ficavam nas varandas chamadas de alpendres, outras sentavam em esteireiras feitas de fibra de bananeira. Após as nove noites (novena) havia leilão e banda de pífano com zabumba. Para alguns era a única festa do ano que participavam.

Mas em pleno século XXI ainda existe comunidades que realizam suas manifestações religiosas como no passado. Quando o assunto é a formação da sociedade brasileira o catolicismo arraigado a cultura sempre aparece, pois foi neste contexto que às questões de exclusão social do negro, do índio, os castigos e a imposição ao credo religioso era uma constante. O mundo contemporâneo vivencia situações que retrata alguns momentos vividos no Brasil desde o século XVI quando os portugueses trouxeram seus santos. Para tanto cita-se:

> A verdade social do Brasil era revelada pelo apego que os pobres sempre tiveram pelas imagens dos santos nos

> santuários de seus casebres. Este apego diz, numa linguagem que é eloquente mas silenciosa: os pobres não têm senão os santos para protege-los, já que os homens poderosos são tão ruins (HOORNAERT et al, 2008, p. 352).

Os índios e escravos participavam das manifestações religiosas tocando, dançando ou cantando o que pode ter contribuído para a formação das bandas de pífano em festas de santos. Os castigos corporais e a escravidão desapareceram, a fé e a devoção continuaram, mas a exclusão social dos pobres ainda é uma constante, desta feita, não só os negros e índios, mas todos aqueles que não tiveram condições de estudar, trabalhar e tiveram seu direito à moradia, saúde e segurança negados. E as tradições religiosas servem como um sustentáculo que mantêm viva a esperança de dias melhores. Os fogos, a missa festiva, o toque da zabumba e o sopro dos pífanos parecem que reacendem a chama da vida na festa do santo (a). O mundo contemporâneo vivencia situações que retrata alguns momentos vividos no Brasil desde o século XVI quando os portugueses trouxeram seus santos.

No Nordeste do Brasil os pífanos apresentam uma especificidade com os mestiços, caboclos e índios que aperfeiçoaram à sua maneira contribuindo para o folclore e festejos religiosos em qualquer época do ano como uma das formas aproximar-se do sagrado, tornando-se uma tradição passada de pai para filho.

Como a maioria são moradores da zona rural aperfeiçoaram seus dons musicais eles mesmos fabricavam seus instrumentos adquirindo habilidade na arte musical. Sobre esse fato é comum encontrar crianças tentando retirar notas musicais de pedaços de bambus, pecíolo da folha de mamoeiro ou plantas que apresentam a mesma característica. Quando estão aptos para apresentações utilizam os pífanos industrializados, destacando também, que a arte do fabrico é uma herança dos índios e caboclos, visto que foi utilizado desde o Brasil Colônia.

> O pífano é semelhante à flauta, feito de taquara madeira, uma madeira muito comum nas matas do sul de Pernambuco. É

> encontrado em três tamanhos: 65cm e 70 cm, chamado Régua Inteiro, 50cm, o Três Quarto e o de 40cm, Régua Pequena. O som do pífano muda de acordo com o tamanho. Cada pífano tem sete orifícios, sendo seis para os dedos e um para os lábios (GASPAR, 2003).

A matéria prima também é conhecida como taboca a qual se refere ao bambu -taquara ainda utilizada pelos índios Fulni-ô de Pernambuco e os Cariri de Alagoas. O pífano é um instrumento de sopro que exige técnica específica para sua fabricação, apresentando variações de tamanhos e consequentemente alterações sonoras.

É importante destacar o depoimento do Senhor Antônio Vicente da Silva (66), que começou tocar pífano aos 18 anos, mas diz que essa tradição vem de seus avós e foi passando para os netos. Para ele, a festa do santo é uma tradição, seus tios também tocavam, mas foram embora para outra cidade, e ele assumiu na região até os dias atuais. Quando foi perguntado sobre o significado de entrarem na Igreja após a caminhada angariando prendas para o leilão e depois da procissão, diz que é uma cerimônia que tem que ser feita e afirma:

> *É tradição! Naquele momento é chamada de beijada, é uma veneração a Nossa Senhora. Ninguém ensaia, mas cada um sabe como fazer. Todas as vezes temos que fazer isso, mesmo ao retornamos da arrecadação das prendas do leilão quando a Igreja está quase vazia, não é problema, fazemos do mesmo jeito. Tocamos em vários lugares na serra da Mandioca, no Anum, no Bonifácio, Quebrangulo, serra de São José e outros lugares, mas sempre muito animada* (Informação verbal).[1]

A banda de pífano de Antônio Vicente é composta de dois pífanos, um par de pratos, uma zabumba, uma caixa e um tarol. Com essa bamba diz que há várias décadas anima as festas de santo. Os componentes afirmam que também são devotos. O senhor Antônio diz que:

> *Sou devoto de Nossa Senhora, ela me curou de uma doença grave. Foi graças a minha fé que pedi a Deus e a ela que livrasse daquele mal. Pois eu estava pensando que era uma coisa feia e quase sem*

[1] Entrevista realizada em Serra da Mandioca com Antônio Vicente, mestre de pífano, em fevereiro de 2016.

> *cura. Mas eu escuto a Rede Vida e assisto a novena as novenas. Fiz o tratamento ainda tomo remédio, mas já posso caminhar, tocar e louvar a Nossa Senhora. Saio com esse grupo que faz parte da minha família, ando um quilometro e não sinto nada, apenas o cansaço normal que até os jovens sentem. Acompanho no sábado a imagem com povo que vai pedir prenda para o leilão. Caminho muito, mas tenho fé que ainda vou fazer muitas vezes* (Informação verbal).[2]

Eles tocam em vários lugares, afirmam que nunca assistiram nenhuma aula de música, mas garantem que isso está ligado a fé em Deus e nos santos protetores. São seguidores de seus avós que foram responsáveis pelos ensinamentos.

Fotografia 01: Banda de Pífano de Palmeira dos Índios-Al, no povoado de Serra da Mandioca-Ritual da beijada na festa da padroeira Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.



Fonte: Moreira (2016).

O tocador de pífano pode ser considerado um músico autodidata pois, aprende com outras pessoas da família ou da comunidade. Não há idade para iniciar, mas geralmente iniciam bem jovem ainda criança com seus avós e seus pais. Os mais velhos são analfabetos, porém conseguem criar

[2] Idem

músicas, tocar de ouvido alguns hinos da igreja, enquanto algumas bandas como as da cidade de Marechal Deodoro (primeira capital de Alagoas) tocam forrós e música popular brasileira em praças, escolas, universidades e residências enquanto as tradicionais apenas em festas de santos.

A banda de pífano participa de vários momentos das festas do padroeiro. É comum serem contratados para o sábado e domingo. No sábado eles tocam para anunciar que o(a) santo(a) está chegando para receber a prenda ou donativo para o leilão. Nesse momento as famílias esperam na frente de suas casas. Recebem o grupo, beijam a imagem que pode vir dentro de uma caixa enfeitada com flores ou nos braços de alguém daquela localidade.

Em algumas casas o dono da casa ou um dos filhos recebe a imagem e a conduz pelos quatro cantos da casa inclusive nas laterais e nos fundos onde é visível o cercado. Nessa ocasião pedem também para que ele (a) ajude no trabalho e dê proteção as suas terras e animais. Logo em seguida fazem a doação de uma prenda que pode ser galinha, ovos, banana, farinha, feijão, produtos industrializados e utensílios domésticos. Os latifundiários fazem doação de gado.

Ao término da arrecadação a banda de pífano vai à igreja com as pessoas que arrecadam as prendas, chegam até o altar e aguardam o santo (a) ser entregue a um leigo que pode ser o catequista ou um responsável pela igreja e que também faz parte da equipe de organização da festa. Eles entram em dupla até o altar, mas como se trata de um espaço sagrado, eles inclinam a cabeça dois a dois, os outros acompanham e vão cedendo lugar aos demais até que todos realizem a saudação ao santo (a) num ritual (beijação ou beijada).

Após a despedida seguem até a porta da Igreja tocando para anunciarem a missa e logo após acontece o leilão ao som dos fogos de artifícios especificamente foguetes. Após a missa acontecem dois leilões, um em frente à igreja que é o mais esperado pelas mulheres e o outro é de bois, vacas e carneiros geralmente para os homens proprietários de terras.

No outro dia às 6 horas tocam saudando a comunidade ao som de muitos fogos. Hoornaert relata alguns momentos de como aconteciam as festas de santo.

> Era em torno da religião que se fazia o congraçamento social. As pessoas usavam suas vestes domingueiras, iniciavam o dia com fogos de artifício e repique dos sinos, e a banda tocava na procissão e no coreto da praça (2008, p. 50)

Percebe-se que a religião ainda é referência para sociedade. E assim na hora que antecede a procissão a banda fica na entrada principal da Igreja anunciando a procissão enquanto os fiéis descem os degraus com o andor do santo (a), depois eles acompanham o grupo tocando initerruptamente.

Fotografia 02: Procissão de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro



Fonte: Moreira (2016).

Ao término da procissão mais uma vez entram na Igreja até o altar nos momentos que antecedem a missa. O Padre aguarda todo o ritual dos zabumbeiros e só começa a missa quando eles saem e param de tocar na calçada ao som dos fogos. Sobre o rito Guerriero ressalta:

> O rito é um elemento essencial da vida religiosa. São tipos especiais de eventos, mais formalizados e estereotipados. Ritual é sempre comunicação. [...]O ritual tem o poder de instaurar uma condição

> social, reforçando os vínculos entre os indivíduos e estabelecendo papéis sociais de cada um (GUERRIERO, 2013, v. 1, p. 243-256).

É esse rito que os identifica, estabelece um vínculo entre a sociedade e suas manifestações religiosas, seja ela qual for naquela localidade, não é ignorada ou questionada. Sobre esse fato ressalta-se que cada vez que a banda de pífano para a arrecadar prendas para o leilão ou na procissão eles entram na igreja e dirigem-se até o altar para realizarem o ritual conhecido como "beijação ou beijada". Ninguém ensinou, não sabem por que esse ritual é chamado assim, só sabem que estão louvando o (a) santo (a), pois desde seus avós era feito dessa maneira.

No Brasil Colônia registra-se a devoção aos santos fazendo parte do sincretismo religioso quando os escravos tinham uma vida sofrida marcada por explorações, discriminações e castigos corporais. Porém chega até ser contraditório o fato de que seus senhores também tinham santos protetores, os quais eram transformados em padroeiros por ocasião das construções de igrejas. Sobre esse fato destaca-se que:

> Ermidas e capelas eram outros locais de devoção da comunidade. Muitos dos povoados brasileiros tiveram origem ao redor da capela de um santo, que, por sua vez, tornava-se com frequência o nome da própria localidade. Esses protetores da comunidade recebiam homenagens especiais em suas festas celebradas anualmente (AZZI, 2008, p.49-50).

Eram a partir dessas construções que as vilas, povoados e até as cidades surgiram sendo as devoções religiosas um ponto de referência da vida social brasileira. A festa do santo era e continua sendo um dos eventos mais importantes das comunidades, momento em que as pessoas se encontram e antecipadamente escolhem a melhor roupa para aquela ocasião. As devoções variam de um santo para o outro, sendo Nossa Senhora uma da mais veneradas, destacando-se também alguns santos das festas juninas como Santo Antônio conhecido como casamenteiro e São João venerado com muitas fogueiras e danças.

> [...]para a interpretação da história do cristianismo no Brasil, é a seguinte: as igrejas, capelas, santuários, assim como se nos apresentam, são expressões de um movimento dialético entre uma cultura central (a cultura dos organizadores da Igreja-Instituição) e uma cultura periférica (a cultura denominada "popular") (HOORNAERT et al,2008, p. 292).

As expressões religiosas, a busca do sagrado e o culto aos santos tornou uma realidade frequente na vida da maioria dos brasileiros. Diante desse fato as imagens dos santos tornaram-se uma constante pois ainda representa a presença do santo ou santa. Segundo Hoornaert et al (2008) "os portugueses trouxeram as imagens com o intuito de protege-los dos perigos do mar e cada uma delas tinha uma representatividade para o devoto."

No Brasil os santos têm participação especial por proteger as pessoas principalmente os pobres. É histórico confirmado pelo fato de que no Brasil Colônia protegiam os índios e escravos. No mundo contemporâneo são as pessoas que moram na periferia das cidades e na zona rural. Essa população mantem sua devoção ao seu santo protetor através uma relação diferenciada, pois, este passa a ser confessor e amigo. É ele (santo) que se torna responsável em atender os pedidos que são feitos, quer seja para arranjar emprego, casamento, curar alguma doença, pagar uma dívida ou mesmo resolver problemas de família.

Cavalhada: devoção religiosa e cultura

Quando o assunto é festa de santo, torna-se impossível negar a presença das cavalhadas como parte das devoções e tradições. Cada sociedade adquire seu modo próprio de representação cultural e a cavalhada é uma delas que retrata a luta dos Cristãos contra os Mouros que ocuparam a Península Ibérica. Na Europa é atualmente a área onde estão localizados Portugal e Espanha. É uma manifestação ligada à luta do Cristianismo contra o Islamismo e consequentemente essas representações marcam a vitória do Cristianismo. Essas lutas aconteciam devido às

heresias na Europa, e eram incentivadas pela Igreja Católica por medo de perder sua hegemonia.

No Brasil, segundo Cascudo (1979) as cavalhadas surgiram desde o século XVII, em uma das Festas mais conhecidas no Brasil; a Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis- GO. Outros estados, principalmente no Nordeste também adotaram as cavalhadas.

Em Alagoas, não se sabe precisamente o ano em que se deu início as cavalhadas, cujas cores vermelho e azul também coincidem com as cores do Estado, do folclore e dos times da capital (CRB e CSA). Os cavaleiros se vestem de branco, usam uma boina branca com detalhes da cor que estão representando o vermelho (encarnado e o azul). Para identificação é colocada uma faixa larga transpassando o tórax do cavaleiro de uma das cores citadas. Como acontecia na Idade Medieval a encarnada era para os que representavam os mouros e azul para os cristãos. Os cavalos também são ornamentados com as mesmas cores de seus cavaleiros.

Fotografia 03: Cavalheiros pedindo bênçãos à Nossa Senhora



Fonte: Cirilo ([sd]).

A disputa começa comumente no domingo com a apresentação das candidatas à rainha. Todos se aglomeram nas laterais da pista de corrida acompanhando o desempenho dos cavaleiros que representam a cor de sua preferência. Enquanto os cavaleiros tentam acertar a argola, as rainhas

vendem bilhetes de rifas ou pedem ajuda financeira. O importante é fazer parte da festa da padroeira e o valor arrecadado é doado para a Igreja.

Ao final da cavalhada é realizado um cortejo até a Igreja para reverenciar o santo (a) fazer a entrega dos troféus aos cavalheiros, bem como colocar as faixas da rainha e princesa. Naquele momento pedem ao santo (a) para ajudá-los e que no ano seguinte estejam com saúde participando da festa.

Considerações finais

A religiosidade popular na vida das pessoas é uma grande representatividade para o catolicismo, mesmo que para alguns estudiosos da área considere um termo "popular" pejorativo, mas é essa religião popular que é considerada fervorosa, pois a fé está acima de tudo. As tradições fazem parte dos festejos com seus ritos. A presença do sagrado faz com que adotem posturas diferenciadas, os componentes da banda de pífano e os cavaleiros da cavalhada mantêm suas devoções, e em clima de alegria, apresentam todos os anos suas manifestações. A religiosidade popular é patrimônio cultural e religioso, pois em seu contexto reúne alguns aspectos que a mantém viva sua história alicerçada na fé e na devoção aos santos, as novenas, a procissão, promessas, leilão, cavalhada, banda de pífano e a festa. Essa fé e as devoções religiosas fazem parte da busca do sagrado, não importa se acontece na zona rural ou urbana, se abanda de pífano sofreu variações ao longo do tempo ou se os cavalheiros reduziram seus ornamentos. O mais importante é que ainda o povo brasileiro e especificamente nordestino é uma referência para a Igreja católica como exemplo de fé, devoção e cultura.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Gilbraz. Religiosidade Popular e fé cristã. **Revista Teológica e Ciências da Religião**. Ano 1, n. 1, jan. de 2002.

AZZI, Riolando. A Igreja Católica na Formação da Sociedade brasileira. São Paulo: Santuário,2008.

BARBOSA, Virginia. **Cavalhada**. **Pesquisa Escolar Online.** Fundação Joaquim Nabuco, Recife: Disponível em: <http//Basílio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>. Acesso em: 05 de ago. de 2015.

BRASIL, Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), 2010.

CAJAZEIRA, Regina. **Tradição e modernidade**: o perfil das bandas de pífano de Marechal Deodoro. Maceió: EDUFAL, 2007.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Tecnoprint,1979.

MESLIN, Michel. **Fundamentos da Antropologia Religiosa: a experiência humana do divino**. Tradução de Orlando dos Reis. Petrópolis: Vozes, 2014.

GASPAR, Lúcia. **Zabumba**: Pesquisa Escolar on line. Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2003. Disponível em: http:// basilio.fundaj.gov.br. Acesso em: jun. de 2016.

_____. **Bandas de Pífanos**. Fundação Joaquim Nabuco, Recife,2004. Disponível em http:// basilio.fundaj.gov.br acesso em junho de 2016.

GUERRIERO, Silas. **Antropologia da religião**. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. (Org.). Compêndio de ciência da religião. 1ed.São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013, v. 1, p. 243-256

HOORNAERT, Eduardo (et al.].**História da Igreja no Brasil**-Primeira Época -Período Colonial.5 ed. Petrópolis (RJ):Vozes,2008.

_____. **Formação do Catolicismo Brasileiro** (1550-1800).3 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1991.

MESLIN, Michel. **Fundamentos da Antropologia Religiosa: a experiência humana do divino**. Tradução de Orlando dos Reis. Petrópolis: Vozes, 2014

MESQUITA**,** Fabio de Azevedo. A veneração aos santos no catolicismo popular brasileiro: uma aproximação histórico-teológica. Disponível em: http:// Revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo. Acesso em junho de 2016. **Revista Eletrônica Espaço Teológico.** São Paulo, v. 9, n. 15, p. 155-174, jan./jun., 2015.